



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**

**RECORDAÇÃO ACADÊMICA**

**PAULA BRANCO DE ARAUJO BRAUNER**

Pelotas  
2020

Este memorial é dedicado a duas pessoas que não estão mais comigo fisicamente, mas que são parte essencial da minha narrativa.

A meu pai Edgar, que ficaria muito orgulhoso do que se tornou a sua gurria de trancinhas.

Ao Professor Victorino Piccinini, meu pai intelectual, que ficaria orgulhoso da aluna que adorava poesia latina. E que virou professora de Latim.

## SUMÁRIO

1. O começo do começo: explicando o título	4
2. Memória, memorial, <i>memorare</i>	5
3. Antes do começo	6
4. A Cidade Maravilhosa, que começo!	8
5. A volta	11
6. Tempo, tempo, tempo, tempo	12
7. Tempo do Doutorado	14
8. Tempo da UFPel: algumas disciplinas	17
9. Tempo da burocracia	21
10. Tempo de espalhar o Latim	25
11. Tempo de orientação e de pesquisa	28
12. Tempo de bancas	32
13. Tempo de concluir	36
Referências Bibliográficas	39

## 1. O começo do começo: explicando o título

E, sem mais, encontro-me diante dela, a temida folha em branco, que deve ser preenchida com os meus mal traçados rabiscos.

Afinal, o que é memorial acadêmico? Por que devo re-cordar? Por que re-cordar dói tanto?

Confesso que li inúmeros memoriais, todos diferentes entre si: uns mais poéticos e literários, outros mais presos aos números, outros com lindas imagens.

Mas ... e o meu? Como seria? Como será?

Volto à palavra “recordação”: recordar é viver ou recordar é morrer um pouco diante do que se foi e não retorna mais?

Trago a etimologia do vocábulo. Talvez ela me ajude a entender o que não quero entender, a explicar o que não quero explicar, a narrar o que não gosto nem de lembrar.

Re-cordar: palavra que traz em seu bojo *cor*, *cordis* (coração, em Latim) e o prefixo *-re* (também latino, cujo sentido primeiro é “movimento para trás ou volta”). Então, re-cordar significa “trazer de volta ao coração”. A etimologia da palavra é sedutora, é linda, mas a ideia de trazer de volta ao coração a minha história, os meus sentimentos, de colocar o próprio órgão da vida numa bandeja para ser dissecado me faz resistir. E, resistindo, perco dias e dias.

No entanto, é preciso que a história seja contada, que o coração seja exposto e dissecado, é preciso iniciar a narrativa. Envio a mim mesma um sinal de encorajamento e começo. Tento “trazer de volta ao coração” as minhas memórias, as minhas tantas lembranças, luto com os meus fantasmas, ganho deles e sigo em frente...

## 2. Memória, memorial, *memorare*

Não, não vou trazer agora outra etimologia, mas tento entender o que é, afinal, um memorial acadêmico. Para isso, consulto alguns autores.

Para Rolnik (2015, p.4) “memorial é um comentário acerca da nossa trajetória acadêmica”. Remete à memória, criadora de marcas e “a memória neste plano é memória de marcas, ovos sempre atuais, sempre potencialmente geradores de novas linhas do tempo” (idem, ibidem). E, ainda a autora: “cada marca tem a potencialidade de voltar a reverberar quando atraindo e é atraída por ambientes onde encontra ressonância” (idem, p.2).

A resolução de número 15, do CONSUN, de 26/05/2014 é bem menos poética e bem mais desanimadora para quem nem começou ainda a narrar.

No parágrafo 2, artigo 1º. consta:

“Por Memorial Acadêmico entende-se um documento autobiográfico que descreve, quantifica, analisa e qualifica os acontecimentos, marcos e fatos da trajetória acadêmica do docente, devendo levar em consideração as atividades de ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e produção profissional relevante.”

Ora, pois, para quantificar não existe o Lattes (pelo qual nutro uma certa antipatia)? Quantificar nunca foi para mim. Conto histórias, conto poemas que eu amo, conto autores que me fazem feliz. Conto bancas, orientandos, trabalhos, projetos, disciplinas? Não, definitivamente não! Então, vou descrever e qualificar os acontecimentos marcantes da minha trajetória, narrando aqueles que voltam imediatamente ao meu coração sempre que tento retornar ao passado. Sendo assim, acho que não fujo tanto ao objetivo da resolução do CONSUN.

### 3. Antes do começo

*Não se acostume com o que não o faz feliz, revolte-se quando julgar necessário.  
Alague seu coração de esperanças, mas não deixe que ele se afogue nelas.  
Se achar que precisa voltar, volte!  
Se perceber que precisa seguir, siga!  
Se estiver tudo errado, comece novamente.  
Se estiver tudo certo, continue.*  
(Fernando Pessoa – Poema da Felicidade, v.1-6)

Eu sempre quis ser professora. Não me recordo de, um único dia, desejar ter outra profissão. Naquele tempo (anos 70), a carreira não era tão desvalorizada, mas sempre foi mal remunerada. Sou de uma família de professores: meu pai, minha mãe (exemplo de professora, lembrada sempre pelo entusiasmo, competência, conhecimento e pelas inesquecíveis aulas), minha tia, primas... Tentaram me demover do meu firme intento, mostrando as dificuldades com que se defrontavam pela questão financeira. Então, para contentá-los, fiz vestibular para Direito (UFPel) e Letras (UCPel). Era o ano de 1982. O curso de Letras da Federal estava, então, em fase embrionária e começaria dois anos depois.

Passei no vestibular em Letras em primeiro lugar, o que, na época, considerei uma honra muito duvidosa, pois os primeiros lugares de todos os cursos eram “privilegiados”, podendo escolher as disciplinas que quisessem (o número de vagas era restrito), mas tinham de estar, durante todos os 8 semestres do curso, às 8:00 da manhã na UCPel para fazer a matrícula. Como sempre fui noturna, virou tortura o que deveria ser prêmio.

Também passei em Direito dentre os primeiros lugares, o que deixou meu pai exultante, na esperança – totalmente frustrada – de que eu fosse uma brilhante advogada ou uma juíza de renome ou promotora...

A minha primeira aula, no primeiro dia na Universidade, foi a aula de Latim, com o Professor Victorino Piccinini. Ah, querido professor! Como podem um único dia, meia dúzia de palavras e um tremendo professor mudar a vida de uma

pessoa? Mas acontece. E aconteceu comigo. E achei aquilo tão fantasticamente maravilhoso que decidi ali, naquele primeiro dia de aula, com aquele ser humano brilhante, genial, humilde, profundo conhecedor de Latim, Linguística, Filologia, Português, História *etc* que seria professora de Latim. E assim foi.

Concluí o Curso de Letras, Habilitação Português/ Inglês na UCPel em 1985. Frequentei, desde o seu início, em 1984, o Curso de Letras da UFPel, assistindo às aulas como ouvinte e até participando de um coro que, inacreditavelmente, cantou o “Luar do Sertão” em versão latina do professor Piccinini e com o acompanhamento de piano tocado pela minha mãe, Wania Brauner. A juventude não tem limites, realmente! E como os professores se dedicavam, buscando, sempre, novas maneiras de tornar o ensino agradável e lúdico. O tempo de preparo do nosso absurdo recital foi imenso, mas nenhum se queixou das horas extras, dedicadas a treinar e a tornar palatável o improvável coro.

Rubem Alves define lindamente o estofo de que são feitos os grandes mestres: aqui, cabe a citação ao professor Piccinini e a todos os demais mencionados neste Memorial.

Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor, em alegria, intérpretes de sonhos. Ensinar, para mim, é um exercício de imortalidade, pois, de alguma forma, continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais. (2012, p. 38).

O Direito? Gostei de algumas disciplinas (Direito Romano, por óbvio, com o brilhante Alvacyr Collares, Filosofia do Direito, alguns assuntos do Direito Civil). Não concluí o curso, achava que a maioria dos professores não tinha didática alguma (quem era eu pra julgar?), mas fui aluna da Profa. Rosah Russomano – jurista eminente e membro da Comissão de Notáveis que gestou a Constituição de 1988– ela, sim, uma grande professora. Como o Direito Constitucional não me interessava em absoluto, pedia à Profa. Rosah que declamasse poemas, o que ela fazia lindamente. De novo e sempre, os poemas, os poetas!

#### 4. A Cidade Maravilhosa, que começo!

*Minha alma canta  
Vejo o Rio de Janeiro  
Estou morrendo de saudade  
Rio, seu mar, praias sem fim  
Rio, você foi feito pra mim*  
(Samba do Avião, Tom Jobim)

Cheguei ao Rio em 1986, com 21 anos, carregada de bagagens, de alguma esperança e muitas incertezas. O objetivo era fazer o curso de Especialização em Língua e Literatura Latina da UFRJ. O meu curso na Católica de Pelotas era de Português/Inglês, com quatro semestres de Latim. O curso da UFRJ, de graduação em Latim, tinha oito semestres de Língua e seis de Literatura Latina, além de outras disciplinas que preenchiam as lacunas de um estudante da Antiguidade no século XX, como Fundamentos da Cultura Românica I e II e ainda outras cujo nome não recordo.

Obviamente, eu nunca tinha ouvido falar de sintaxe dos casos, de morfologia verbal estudada desde o indo-europeu, nunca tinha analisado um poema de Catulo, uma ode de Horácio ou um discurso de Cícero. E isso tudo pesou bastante e me custou um ano inteiro de estudos quase ininterruptos. Os professores ficaram bastante surpresos porque, mesmo sem nunca ter ouvido falar de nenhum dos assuntos acima e de inúmeros outros, eu era capaz de traduzir Cícero, Catulo ou Ovídio quase que “de ouvido”. Até hoje, quando encontro algum dos antigos mestres, eles ainda se surpreendem com o quanto eu não sabia e com o nível de dificuldade dos textos que eu era capaz de traduzir. Aprendi a sintaxe dos casos e o resto, mas continuei com o “meu” método de tradução: de ouvido, com as palavras se encaixando lindamente até formar uma frase perfeita que evocava um passado muitas vezes tão presente.

Há uma expressão que considero perfeita, que sugere que o Latim deva ser tratado como “língua viva do passado” (LIMA, 1995,19). Nada mais eloquente, de fato. Os textos é que guardam a expressão mais fervilhante de vida, esteja ela escrita na pujança de uma inquietação intelectual, num rompante lírico de paixão amorosa, numa provocação “obscena”, mas profundamente humana, grafitada numa parede ou escrita

num verso perfeito. Quem aprende Latim deve ser “despertado” para essa realidade, para a “vida” que nela existiu.

Isso os meus mestres de Latim, desde o primeiro, conseguiram me transmitir e cada aula era uma viagem ao passado. Chorei com o amor frustrado de Dido e Eneias, com o de Catulo por Lésbia, ri com as comédias de Plauto e senti saudades de casa com as poesias do exílio de Ovídio.

Tive a honra de ser aluna, na UFRJ, de grandes latinistas (fui muito privilegiada mesmo, nesse aspecto), como a professora Marilda Evangelista dos Santos Silva, grande conhecedora da sintaxe latina, minha orientadora no Mestrado e amiga, Ruth Cardoso de Faria - esposa do Professor Faria, autor do Dicionário, da Gramática, da Fonética e de tantos outros livros basilares para qualquer estudante de Latim - que nos fazia chorar quando lia o monólogo de Dido no Canto IV da Eneida, Luiz Carlos Stamato, que nos colocou em contato com o Latim Renascentista e Pós-Renascentista (chegamos a traduzir os Principia Mathematica, de Isaac Newton!) e tantos outros.

O curso de Especialização da UFRJ, mais do que qualquer dos cursos realizados depois foi, de longe, o mais prazeroso, o mais proveitoso, o mais caloroso pois, além dos professores generosos e excepcionais, tive colegas igualmente generosos e excepcionais, como a professora Ana Thereza Basílio Vieira, latinista brilhante, professora renomada da UFRJ e minha grande amiga até hoje.

Terminada a Especialização, espécie de *tour de force*, pela quantidade, variedade e complexidade de saberes que tive de assimilar em um ano e meio (no final, o curso foi acrescido de mais um semestre), voltei para Pelotas com a certeza absoluta de que era carioca e a minha alma canta até hoje, quando vejo o Rio de Janeiro.

No início de 1988, munida de um papel com um imensa bibliografia, resolvi fazer a prova para o Mestrado em Letras Clássicas, como um “teste” para depois ler os livros, fazer as provas anteriores e estudar para o ano seguinte.

Para minha imensa surpresa, passei em primeiro lugar e ganhei uma bolsa de estudos. Sim, a pelotense “que antes não sabia o que era sequer um dativo de posse” poderia morar no Rio e, ainda, fazer o curso dos sonhos. Ainda me vejo correndo pela Faculdade de Letras em busca de um “orelhão” para contar aos meus pais o que havia

acontecido. Ainda ouço a voz da minha mãe, em absoluto estado de choque, a repetir:  
“mas como vais voltar pro Rio agora? Como? Como?”

## 5. A volta

E eu voltei para a Cidade Maravilhosa, fiz o curso de Mestrado em Língua e Literatura Latina, agora com mais tranquilidade, com mais confiança e, claro, dominando a sintaxe dos casos, a *consecutio temporum*, a morfologia, as análises literárias – e ainda traduzindo “de ouvido”.

Na minha dissertação de Mestrado (O Sentimento do Amor em Horácio), abaixo citada, orientada pela professora Marilda Evangelista dos Santos Silva, decidi trabalhar com Horácio. Como todos os alunos haviam se apaixonado por Catulo, pelo “amor-paixão”, “amor-tortura”, *taeter morbus* (“doença negra”) que, entrando pelos olhos, se apossa do coração”, decidi estudar um autor que era o oposto de Catulo nesse aspecto. Horácio teve vários “amores” e não dedicou a eles muito do seu tempo, nem muitos dos seus versos:

Isso revela a verdadeira posição do poeta em relação ao amor, singular: a diversidade de paixões não compromete o coração e, por conseguinte, afasta a dor. Há marcas epicuristas na concepção horaciana do amor. Viver o presente, colhendo os tesouros dos dias que passam, sem se deixar envolver pelas artimanhas das paixões de qualquer espécie são preceitos dessa escola filosófica, uma das muitas que influenciaram a vida do autor. (1992,p. 133).

E, assim, lendo muito, estudando Horácio e as odes, agora, nestes dias sombrios e incertos de pandemia, descobri-me muito mais próxima dele do que jamais havia suspeitado. Sigamos.

## 6. Tempo, tempo, tempo, tempo

(...) *Dum loquimur, fugerit inuida  
aetas: carpe diem, quam minimum credula postero.*  
(Horácio, Ode I,11,7-8)

(Enquanto conversamos, foge, invejoso, o tempo:  
colhe o dia de hoje, acreditando o mínimo possível no amanhã).

*Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas  
regumque turris. O beate Sesti,  
uitae summa brevis spes nos uetat inchoare longam.*  
(Horácio, Ode I, 4, 13-15)

(A pálida Morte bate compassadamente, com seu pé justo,  
as cabanas dos pobres e os palácios dos reis. Caro Sesto,  
a suprema brevidade da vida nos impede de conceber uma esperança  
duradoura).

(...) *innumerabilis annorum series et fuga temporum.*  
(Horácio, Ode III,30,5)

(a sucessão sem fim dos anos e a passagem dos tempos)

(...) *fis anus, et tamen  
uis formosa uideri  
ludisque et bibis impudens*

*et cantu tremulo pota Cupidinem  
lentum sollicitas.*

(Horácio, Ode IV,13, 2-6)

(tu te tornas velha e, contudo, queres parecer bela,  
jogas e bebes, descarada,  
e, bêbada, provocas o indiferente Cupido com teu canto trêmulo).

Horácio, sem dúvida um dos “meus” poetas me fez ver, somente agora,  
nesses dias difíceis, que eu e ele temos mais coisas em comum do que eu suspeitava  
quando escrevi a dissertação.

Por exemplo, o tempo!

Por que a *fuga temporis* me dói tanto? Por que estar aqui sentada re-  
cordando é tão ruim?

Releio a minha dissertação e me detenho não na perspectiva do amor, mas no tempo. A noção da passagem do tempo é antiga, um topos desde sempre nas literaturas de diversas épocas.

Em Horácio, é uma obsessão, um desespero. O caráter inexorável do tempo o faz advertir para a necessidade de colher o instante, mas colher porque foge: e nunca é um instante feliz porque o tempo continua lá e não cessa de nos devorar, como Cronos fazia com seus filhos.

Todo o vocabulário relativo ao tempo é negativo *invidus*, *invidiosus* (detestável, hostil), e Horácio o retrata sempre como inimigo, pois faz cair as folhas das árvores, torna as pessoas velhas e, o pior de tudo, em seu bojo sempre a ideia da morte espreita.

Essa percepção aparece em outros poetas, mas em Horácio há uma angústia do tempo muito moderna, aflitiva. Vale lembrar que o tempo dos antigos romanos era concebido, filosoficamente, de maneira diversa do nosso e que não era, como o nosso, regido pela força opressiva dos relógios, mas ritmado pelo tranquilo amanhecer e pelo quase sempre bucólico pôr-do-sol.

Tempo, tempo, tempo, tempo...

E eu também sinto assim: nunca um ganho, sempre uma perda, nunca amigo, sempre inimigo. Visão pessimista da vida? Presença onipresente da morte? Talvez.

Também tenho minha Itabira na parede e ela dói sempre. O Rio é minha Itabira, aqueles dias felizes e cheios de estudo, no auge dos meus vinte e poucos anos machucam sempre, sempre vão doer porque passaram, porque, como uma onda, me enrolaram na sua voragem, me devoraram e aqueles anos felizes, no auge da mocidade, ficaram só na minha re-cordação.

## 7. Tempo do Doutorado

Tempore ruricolae patiens fit taurus arati,  
Praebet et incuruo colla premenda iugo:  
Tempore paret equus lentis animosus habenis,  
Et placido duros accipit ore lupos:  
Tempore Poenorum compescitur ira leonum,  
Nec feritas animo, quae fuit ante, manet:  
Quaeque sui monitis obtemperat Inda magistri  
Bellua, servitium tempore victa subit.

Tempus, ut extentis tumeat facit uva racemis,  
Vixque merum capiant grana, quod intus habent;  
Tempus et in canas semen producit aristas,  
Et ne sint tristi poma sapore facit;  
Hoc tenuat dentem terras renovantis aratri,  
Hoc rigidas silices, hoc adamantina terit;  
Hoc etiam saevas paulatim mitigat iras  
Hoc minuit luctus moestaque corda levat.  
Cuncta potest igitur tacito pede lapsa Vetustas  
Praeterque curas attenuare meas.

(Ovídio – Tristia, Elegia IV,6,1-18)

(Com o tempo, o touro torna-se submisso ao arado e oferece o pescoço curvado ao jugo que o acoisa.

Com o tempo, o cavalo fogoso obedece às rédeas obstinadas e aceita, na boca dócil, os duros freios.

Com o tempo, dissipa-se o furor dos leões africanos e a sua antiga ferocidade de ânimo não sobrevive.

O elefante da Índia obedece às ordens de seu domador e, vencido pelo tempo, submete-se à escravidão.

O tempo faz que a uva se desenvolva em extensos cachos e que os grãos suportem, com dificuldade, o sumo que guardam em seu interior.

O tempo transforma a semente em brancas espigas e age para que os frutos não tenham amargo sabor.

Ele gasta os dentes do arado que renova a terra, ele desgasta as duras pedras, o diamante,

e ele também enfraquece, aos poucos, as cóleras furiosas.

O tempo mitiga as tristezas e alivia os corações aflitos.

O tempo pode, portanto, em passo silencioso, atenuar todas as inquietações, menos as minhas).

Nesta dolorosa autobiografia, acabo percebendo que a maioria dos “meus” autores e as minhas poesias favoritas tratam de amor, do tempo ou de ambos. A

característica instável, fugidia e, por certo, nunca totalmente capturável desta minha única aventura em primeira pessoa me faz entender que narrar a mim mesma é muito mais difícil do que eu imaginava, por isso os autores me ajudam, são muito de mim.

*Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo.*  
(Mário Quintana, Poesia Completa)

E, como os meus autores sempre têm a palavra certa no momento incerto, parafraseio Quintana e digo minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesma. Desde sempre, eles definem situações e passagens da minha vida e marcam, indelevelmente, esses momentos.

A elegia de Ovídio, que abre o capítulo, não poderia encarar o tempo de maneira otimista. No exílio, nos confins do Império Romano (Ponto Euxino), o poeta recorda, com melancolia, a cidade de Roma – barulhenta, agitada, colorida, alegre, calorosa – e compara suas lembranças com o lugar onde está exilado – cinza, frio, silente, repleto de bárbaros de barbas hirsutas – e o tempo não lhe sorri. Já sente os primeiros sinais da velhice e não recebe o perdão do imperador por um erro que não se sabe qual foi. Ovídio não volta a Roma e morre no exílio.

Quanto a mim, de volta ao Rio, em 1996, 10 anos depois da primeira vez, fiz um projeto e uma prova e entrei no Doutorado em Língua e Literatura Latina da UFRJ.

O Doutorado não foi uma experiência fascinante como o foram a Especialização e o Mestrado porque a maioria das disciplinas versava sobre Latim Medieval ou Latim Renascentista, então “moda” na UFRJ. Não sei se hoje ainda é assim, mas nenhum dos autores estudados nesse período era um dos “meus” autores. Em suma, não me apaixonei.

Minha tese foi “O Rapto de Prosérpina, de Claudiano”, autor do IV século da nossa era que, misteriosamente, decidiu escrever sobre um mito pagão em tempos de cristianismo vicejante. Busquei as fontes em que ele bebeu para escrever sua obra (Ovídio, obviamente, que havia, de maneira muito mais magistral, descrito o mito do Rapto em suas Metamorfoses) e Virgílio, já que a intenção de Claudiano era escrever

uma epopeia com laivos da Eneida, mas a obra nem epopeia pode ser considerada. Acho que consegui provar isso em minha tese.

Minha orientadora, professora Alice dos Santos Cunha, brincava comigo dizendo que eu estava gestando duas crianças ao mesmo tempo e que ia parir as duas quase juntas, já que, na época eu estava grávida do meu primeiro filho, Augusto.

Defendi a tese com louvor e tive o meu filho (não, o contrário!). Primeiro nasceu o Augusto, depois a tese...

Em 2012, voltei ao Rio para a realização do meu Pós-Doutorado, com a orientação da Profa. Ana Thereza Basílio Vieira e com uma pesquisa sobre a História Natural de Plínio, o Velho, da qual tratarei mais adiante.

## 8. Tempo de UFPel : algumas disciplinas

Quando defendi a tese de doutorado, em 2002, já havia ingressado na UFPel, como professora de Língua e Literatura Latina, há 11 anos. Não quis interromper a sequência carioca da narrativa.

Ingressei na UFPel, por meio de concurso público, em 1991.

Havia, na época, 6 disciplinas de Língua Latina no Curso de Português e Literaturas de Língua Portuguesa e 2 de Literatura Latina, todas obrigatórias. Havia, ainda Português Histórico (Filologia), Língua Portuguesa (Sintaxe, Morfologia, Semântica, Pragmática) em todos os semestres do curso, disciplinas obrigatórias.

Ministrei todas as disciplinas de Latim e lembro, com saudades, daqueles tempos em que mudamos de lugar muitas vezes até acabar no Anglo e dos alunos que por mim passaram: alguns divertidos, outros apaixonados por Língua, muitos por Literatura Latina. Destaco um aluno em particular, Paulo Ricardo da Silveira Borges, hoje meu colega e igualmente professor de Latim. Interessante aqui trazer novamente a etimologia de um vocábulo: colega (*cum + legere*) é aquele que lê junto, que se compromete com o outro e tenho tido, nesses anos todos, colegas na mais pura acepção da palavra.

Logo os seis semestres de Língua Latina passaram a quatro e, por fim, a dois, em virtude de exigências do MEC (mais carga horária prática), de reformulações curriculares - obrigatórias ou não - ou de mudanças nos PPCs dos cursos.

As minhas duas amadas disciplinas obrigatórias de Literatura Latina passaram a ser optativas e se tornaram híbridas: Língua e Literatura Latina I e II, o que dificulta sobremaneira o trabalho, pois os alunos agora têm apenas dois semestres de Língua e é preciso contextualizar, falar de história, de filosofia, de mitologia, de períodos e gêneros literários, dos autores, da vida cotidiana e ainda tentar ensinar alguma coisa da Língua, já que, com dois semestres, é impossível traduzir qualquer texto de qualquer autor latino no original. Nessas duas disciplinas acontece sempre o seguinte: alguns alunos não querem fazer nenhuma tradução, não querem e não gostam de aprender Latim, só querem Literatura. Com outros, acontece o contrário... E a turma

acaba dividida. Sempre faço duas provas ou duas provas e um trabalho escrito e as notas boas se dividem entre os partidários da Língua ou da Literatura. Como trabalho com poesia augustana – não poderia deixar de ser – é impossível que os discentes, com apenas dois semestres, estejam aptos para traduzir um Horácio, um Ovídio ou um Virgílio.

Guardo, dessas disciplinas, algumas lembranças divertidas: uma aluna reclamou que, no mapa do Império Romano, não aparecia o Brasil; outro me perguntou, com toda a seriedade do mundo, por que os romanos contavam os anos ao contrário (de trás pra frente); outros queriam aulas de conversação, mesmo com a explicação, desde a primeira aula, que o Latim é língua de recepção, não de produção. Até há alguns sites em que se trocam mensagens e vídeos em Latim. Como diria o meu saudoso professor Picci: “latim macarrônico, minha filha”!

E, como bem escreve Alceu Dias Lima:

“Para que, após tantos séculos de silêncio pesando sobre o latim oral dos romanos, o homem moderno pudesse *falá-lo*, seria preciso admitir a hipótese absurda de que a língua existe separada do homem, como a enxada, a flecha ou a roda, pior ainda, que a língua assim concebida como instrumento, não faz parte da linguagem humana ao mesmo título que a língua materna”. (1995, p.94)

Não posso deixar de mencionar aqui a disciplina por mim ministrada em 2018, no Curso de Espanhol a Distância, Latim I.

Nunca havia trabalhado com a plataforma Moodle e, desde o início, ela se apresentou – e foi sempre – um desafio. Se não fosse a ajuda de algumas tutoras de Pelotas, acho que não teria conseguido encará-lo e vencê-lo. Ministrando latim no formato EAD também foi um grande desafio, já que considero o olho-no-olho fundamental no momento de dar aula e ter de responder as dúvidas a distância me parecia quase impossível. Havia centenas de alunos espalhados pelos diversos polos e, em dias de prova, por exemplo, quando a atividade ficava aberta durante o tempo de realização da prova, aconteciam coisas inacreditáveis: caía a eletricidade no polo x; no y, a internet falhava; alguns alunos sofreram acidentes a caminho da prova de Latim: um pesadelo! E pesadelo maior ainda era fazer uma nova prova para os que haviam sofrido os contratempos...

No final do primeiro semestre, quando fui lançar as notas no Cobalto, uma desagradável surpresa me aguardava: havia alunos do polo x, do polo y, do polo z e havia alunos de “polos diversos”. Nunca entendi bem o que acontecia, se era uma falha na hora da matrícula, se os alunos mudavam de cidade, se desistiam e retornavam ao curso depois de algum tempo. Talvez um pouco de cada um desses fatores, mas nada disso amenizava o fato de que alguns alunos estavam matriculados em duas turmas diferentes, alguns tinham nomes exatamente iguais, outros não constavam das listagens.

Minha experiência no EAD não foi boa, mas não tiro o mérito de um tipo de ensino que pode levar o conhecimento a pessoas que não teriam acesso a ele e a um diploma universitário por outra via. As formaturas, especialmente, são tocantes, um grande evento nas cidades, o que demonstra a importância desse formato naquelas comunidades.

Para finalizar o capítulo, trago aqui a lembrança de uma disciplina que ficou, por anos, guardada nos arquivos da minha memória e que agora, por causa de uma nova reformulação dos PPCs – mais uma! – dos Cursos de Letras, pôde retornar como disciplina optativa: a Língua Latina III.

Ela foi por mim ministrada novamente, depois de uns 15 anos de pausa e me trouxe grande alegria. Primeiramente, pelo grande número de alunos interessados. Inicialmente, matricularam-se uns 40 mas, depois da primeira aula, descobri que muitos não possuíam o pré-requisito, o Latim II, então a turma diminuiu um pouco, passando para umas 30 pessoas.

Como era uma turma muito homogênea, foi um deleite dar aulas a eles, alunos interessados, compenetrados, afiados no Latim e com bastante conhecimento de muitos dos saberes que eu elenquei acima para que uma aula de Latim possa, minimamente, acontecer.

O maior êxtase para um professor é quando um aluno aprende e, depois, quando esse aluno diz que esperou a semana inteira por “aquela” aula. Isso também aconteceu comigo e, quando havia um feriado ou evento na quarta-feira (dia do Latim III), eu ficava com aquela sensação de haver perdido algo muito importante – e havia mesmo.

Consegui, com essa turma maravilhosa, ter novamente o prazer de ensinar Latim além do bê-a-bá. Eu projetava os textos originais, discutíamos acerca do vocabulário, dos verbos, da sintaxe, da estrutura frasal, enfim.

Eles faziam duplas e cada dupla lia a sua tradução. Depois, pensávamos sobre tudo: a escolha lexical, a harmonia da frase etc e, por fim, fazíamos, juntos, a melhor tradução, segundo o julgamento de todos. Assim, a turma conseguiu, de modo geral, traduzir Sêneca, Cícero e outros autores. Foi muito proveitoso e prazeroso redescobrir a delícia de ensinar Latim.

## 9. Tempo de burocracia

Desde os primeiros momentos em que ingressamos em uma universidade pública, sabemos ser inevitável que, em algum momento da carreira, tenhamos de assumir algum cargo administrativo.

Há pessoas talhadas para tal, com desenvoltura para destrinchar todos os meandros da Universidade, com paciência para lidar com os diversos problemas que surgem, com “olhos de ver e ouvidos de ouvir”.

Eu não sou uma dessas pessoas. Assumi alguns cargos administrativos, mas todo o tempo a eles dedicado me fazia sentir uma impostora, resolvendo coisas para as quais eu não me achava preparada e deixando de fazer outras coisas para as quais me sabia preparada: como estudar e dar uma boa aula, fazer um novo projeto ou, simplesmente, sentar com um dos “meus” autores.

Primeiramente, fui coordenadora do CEPEL (Centro de Pesquisa e Extensão em Linguística e Literatura), espécie de precursor da atual CAEXT (Câmara de Extensão), por um curto período, do final de 2001 ao meio de 2002.

Naquela época o pagamento da matrícula dos cursos de extensão era feito em dinheiro e guardado numa gaveta em uma sala subterrânea da antiga Escola de Belas Artes, onde funcionou, durante um período, o Curso de Letras. Aquele dinheiro guardado naquele lugar me tirava o sono e, até a prestação de contas, quando o dinheiro saía de lá, era, para mim, um pesadelo constante. Além disso, havia, no CEPEL, uma desorganização histórica, fruto das várias mudanças de coordenação e de local, da passagem de diversos professores substitutos que coordenaram projetos de extensão e sumiram sem deixar rastro – nem os arquivos para que pudéssemos confeccionar os certificados. Não tínhamos redes sociais e o único método para localizar os professores e obter as informações necessárias era através do telefone ou do e-mail. Obviamente, quando saíam de Pelotas, não conservavam o telefone ou o e-mail e nos víamos às voltas com centenas de alunos buscando, com todo o direito do mundo, seus certificados dos cursos de extensão das mais diversas áreas.

Uma vez, procurando os malfadados documentos, encontrei um armário fechado a chave que, depois de arrombado, deixou cair uma espécie de cachoeira de água suja, no meio da qual estavam inúmeros documentos, completamente deteriorados. Sim, na EBA havia goteiras e vazamentos e curtos-circuitos constantemente...

Depois de quase ter sido agredida por uma aluna que buscava o seu certificado, desisti da tarefa inglória e pedi exoneração do CEPTEL.

Ainda fui subchefe e depois, Chefe do Departamento de Letras (na época, havia apenas um Departamento, que reunia todos os professores do curso – apenas 19 efetivos, em determinado momento), entre os anos de 2002 e 2003 e, novamente, em 2006, já na nova - e de curta existência - Faculdade de Letras.

Vale lembrar que, de início, o Curso de Letras fazia parte do Instituto de Letras e Artes (de 1984 a 2005), depois tornou-se Faculdade de Letras (de 2005 a 2010) e, desde então até os dias atuais, Centro de Letras e Comunicação (CLC).

Ser Chefe de Departamento me colocou em contato direto com os mecanismos que regem uma universidade. Conheci pessoas dos mais variados setores que faziam as coisas acontecerem e tive contato com a malfadada burocracia que domina o serviço público: repetição de documentos, perda, pedidos absurdos, informações desencontradas ou replicadas...

Durante o meu período como Chefe, tive o privilégio de contar com o trabalho de uma grande colega e excelente secretária: Regina Padilha da Silva. Ela, sim, conhecia e dominava como ninguém as engrenagens da UFPel e me guiou nesse caminho repleto de desafios, em que um passo em falso pode custar muito para um colega ou para o Curso.

Fui, ainda, Secretária Geral da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), órgão que agrupa estudiosos das mais diversas áreas da Antiguidade Clássica. O Presidente era o Professor Fábio Vergara Cerqueira; os anos, 2003 e 2004. Foi bem difícil fazer parte dessa diretoria porque recebemos a SBEC bastante desorganizada, com um banco de dados totalmente desatualizado e num programa de computador em que só os iniciados conseguiam trabalhar. Felizmente, havia bolsistas (recordo, com carinho, da Chimene Kuhn Nobre) que dominavam tudo aquilo e mais um pouco e que,

mais uma vez, azeitaram os mecanismos para que a máquina funcionasse, assim como a Regina Padilha havia feito no Departamento de Letras.

Nessa gestão, em 2003, organizamos o V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos/ XIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (Fronteiras e Etnicidade), com pessoas vindas dos mais variados lugares do Brasil e do mundo.

Hoje penso que desafiamos os deuses do Olimpo, organizando um Congresso daquele porte numa cidade periférica como Pelotas, com poucos recursos e sem as comodidades de uma cidade grande ou turística. Lembro que consegui uma bolsa da FAPERGS no valor de R\$ 7000,00 e, no final, tive que devolver cinco centavos (!). Ah, sim, a prestação de contas só foi aprovada em dezembro de 2006 (!). Para complicar a situação, aquele setembro foi um dos mais frios de que me recordo e os professores do Sudeste, Norte e Nordeste jamais imaginaram que uma primavera pudesse ser tão gelada. Emprestei quase todos os casacos que eu tinha e ainda tivemos de ouvir reclamações quanto à falta de aquecimento nas salas usadas para o evento. Depois daquela semana desafiadora e estressante, o que ficou conhecido como o “Congresso de Pelotas” é lembrado sempre, nos encontros dos classicistas, como um dos melhores eventos da SBEC de todos os tempos. É, os deuses do Olimpo jogaram a nosso favor...

Por fim, os dias atuais.

Atualmente, sou Diretora Adjunta *pro tempore* do Centro de Letras e Comunicação, onde estou por ser o membro mais antigo do Conselho do CLC, depois de a professora Cíntia Blank ter pedido afastamento por motivos de saúde. Novamente, tenho a felicidade de contar com duas grandes colegas nesse novo caminho: Vanessa Doumid Damasceno, Diretora competente, entusiasmada, sempre disposta a ajudar um colega ou um aluno, pessoa cheia de amor e de atitude e a querida Carla Carret Machado, Chefe do Núcleo Administrativo do Centro, que não sabe dizer não, que conhece o SEI como ninguém e que é o sorriso a iluminar a Direção do CLC todos os dias.

Aqui cabe uma outra reflexão sobre o tempo, desta vez otimista: ele tira, mas também dá muitas coisas, às vezes insuspeitadas. Pessoas podem ser presentes ou

fardos e eu tenho a sorte de, nestes anos finais da minha carreira acadêmica, ter ganho grandes amigas e colegas, como Vanessa e Carla, além de todos os outros amigos e colegas que angariei ao longo de todos esses anos, 29 já: Ana Maria Cavalheiro, Isabella Mozzillo, Letícia Freitas, Letícia Stander, Lia Pachalski, Márcia Klee, Maristela Machado, Mariza Zanini, Paula Mascarenhas, Sílvia Kurtz, além de muitos outros colegas, alguns já mencionados.

Nenhum autor mais adequado para falar de amizade do que Marco Túlio Cícero e dele coloco uma passagem que, a meu entender, define a amizade de maneira indubitável:

*Solem enim e mundo tolere videntur qui amicitiam e uita tollunt, qua nihil a dis immortalibus melius habemus, nihil iucundius.* (Cicero, De Amicitia, XIII, 47)

(Aqueles que afastam a amizade da vida parecem arrancar o sol do mundo, pois os deuses imortais não nos deram nada melhor nem mais doce).

## 10. Tempo de espalhar o Latim

*Tempora mutantur, nos et mutamur in illis* (Provérbio latino)  
(Os tempos mudam e nós mudamos com eles)

Com o tempo e o correr das turmas e dos alunos, tornou-se cada vez mais imperiosa a necessidade de espalhar a língua e a cultura pela comunidade pelotense. Havia inúmeros pedidos de cursos rápidos de Latim (como se bastasse apenas um semestre!) ou de cultura, filologia ou literatura.

Sendo assim, acreditando que era meu dever não só dar aulas para poucos, mas espalhar esse conhecimento, restrito apenas aos cursos de Letras da UFPel, decidi começar diversos projetos de ensino e de extensão.

Assim, no segundo semestre de 2006, coordenei um projeto de extensão intitulado “Introdução ao Latim e à Cultura Românica”, tendo três alunos como ministrantes: Caroline Schwarzbald, Feliciano Vieira Franco (os dois foram monitores de Latim) e Karina Goularte Peres.

A justificativa era:

Um curso de extensão na área de Latim é uma ótima oportunidade para resgatar o interesse das pessoas pela língua, literatura e cultura latinas. A língua, como forma de expressão mais viva das realizações humanas, nos faculta o conhecimento das culturas de vários povos, tanto do presente quanto do passado e esse passado, sempre tão vivo na língua e nas instituições do Ocidente, é o que se pretende trazer à tona nesse curso.

Como um dos objetivos da Universidade é a integração com a comunidade, nada mais válido do que oferecer a essa comunidade – sempre carente de oportunidades para ampliar seus conhecimentos – um curso de atualização voltado aos aspectos humanístico-culturais, oportunizando o acesso a um conhecimento só disponível a alunos dos Cursos de Letras.

Além dos fatos elencados acima, há um interesse constante das pessoas pelo Latim e pelas civilizações antigas, evidenciado pelos inúmeros pedidos de oferta de disciplinas na área de Letras Clássicas feitos pelos mais diversos segmentos da sociedade. Esperamos que a Antiguidade, através de uma língua que é a ponta de uma corrente imensa que se prende ao nosso passado, se faça presente durante esse curso.

O número de vagas era de 30 e uns 20 participantes concluíram o curso, número bastante expressivo que coroou um trabalho incessante com os ministrantes, semana a semana.

Outro projeto coordenado por mim foi de ensino: Do Latim ao Português, ministrado por mim e pela minha mãe, na época já professora aposentada (ela se aposentou num dia 15 de outubro, data emblemática para a grande professora que ela foi). Isso aconteceu em 2008, no saudoso prédio do ILA/Avenida.

Como a disciplina de Português Histórico já não era mais obrigatória, muitos estudantes sentiram a lacuna e me pediram que redigisse um projeto e que convidasse a “famosa” professora Wania Branco de Araujo Brauner para ministrar algumas horas do mesmo. Minha mãe era conhecida pelo entusiasmo com que dava suas aulas, fazendo de cada aluno um ouvinte atento e enamorado de qualquer assunto que ela estivesse lecionando. No caso da fascinante viagem das palavras desde o Latim até o Português, não foi preciso muito esforço para que todos se apaixonassem, pedindo exercícios extras e mapas que fornecíamos no xerox do prédio ou projetávamos em lâminas, no retroprojetor (hoje, imagino que os meus filhos ou alunos nunca tenham visto um daqueles...).

Mais tarde, a partir de 2013, com a solicitude e a dedicação de um aluno e com seu estudo profícuo na Filologia e no Latim, Gilson Ramos Lopes Neto, passei a reofertar regularmente o projeto de extensão “Introdução ao Português Histórico” e, em 2015, elaborei o projeto “Introdução ao Latim”, que teve, por vezes duas turmas por semestre, com o Gilson e com o discente Maurício Signorini Dias, ambos ex-monitores de Latim e brilhantes alunos e professores. Gilson Ramos, extremamente organizado e meticuloso, elaborava o que ele chamava de “Guia de Bordo”, uma espécie de roteiro para que os participantes acompanhassem os assuntos desenvolvidos. Os dois projetos estiveram ativos até 2019, quando os dois estudantes terminaram seus estudos e, tendo já concluído o Mestrado, foram alçar novos voos.

Durante esses anos todos coordenando os referidos projetos de extensão, aproximadamente 250 pessoas receberam certificados de conclusão dos cursos.

Meu objetivo era semear: lancei as sementes e acho que colhi alguns frutos, pois muitos participantes dos cursos pedem por sua continuação; outros, ao me

encontrarem, lembram dos metaplasmos ou dos casos latinos ou, melhor ainda, de um verso de um dos “meus” autores. E isso me faz feliz!

Realmente, como esquecer, por exemplo:

*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.*

*Nescio, sed fieri sentio et excrucior*

(Catulo, c. LXXXV)

(Odeio e amo. Por que faço isso, talvez perguntes.

Não sei, mas sinto que acontece e me torturo).

O “*odi et amo*”, par antitético de Catulo, é indubitavelmente, inesquecível. Com máxima economia lexical, o poeta centra seu enunciado no verbo, parte essencial da oração, com sujeito sempre oculto (são oito verbos, nenhum substantivo). Arte epigramática, extremamente lapidada: de um mínimo de palavras, extensa e nuançada gama de significações, em que os sentidos são contrastantes (*odi-amor; nescio-sentio; faciam-fieri*) e, ao mesmo tempo, complementares. Beleza e profundidade poética no mais alto grau...

Depois de ler esse poema, de dissecá-lo ou de, simplesmente, ouvir a sua leitura em latim, acredito que ninguém volta a ser o mesmo. Dois versos apenas, mas quanto sentimento, quanto significado, quanta Beleza!

Por isso, acredito ter cumprido a minha missão como professora de Latim: espalhar a beleza é uma das tarefas do educador. Todos os semestres, escolho, de acordo com o que cada turma manifesta, algumas dessas joias e, com elas, presenteio os meus alunos. Alguns não conseguem aquilatar o valor do presente, outros são indiferentes, mas a maioria não esquece... O mesmo acontece nos cursos de extensão.

## 11. Tempo de orientação e de pesquisa

Outra das inúmeras tarefas de um professor universitário é a orientação de alunos em pesquisa, extensão, estágios, monitoria.

Começo destacando as atividades de monitoria. Tive monitor nas disciplinas de Latim desde o início dos tempos de UFPel até agora. O monitor da disciplina é muito requisitado porque as turmas são imensas e Latim não é, exatamente, fácil.

Alunos brilhantes foram péssimos monitores e alunos médios, brilhantes monitores. Claro que a regra geral: aluno brilhante/monitor brilhante acontece frequentemente. Acredito que a monitoria é uma excelente oportunidade para o futuro professor ter contato com a tarefa de ensinar e de preparar materiais. Orientar pequenos grupos de estudantes pode preparar melhor o discente para o ingresso, às vezes intimidador, em uma sala de aula.

Nos dias atuais, fui novamente selecionada para receber uma bolsa de monitoria mas, com a pandemia, tudo está suspenso até que a normalidade se restabeleça (se os deuses assim o desejarem).

Outra atividade de orientação – para a qual eu não me considerava preparada – eram os estágios nas escolas do Estado, do município e rede particular de ensino. Como sou professora de Latim, concursada na área de Língua e Literatura Latina, jamais sequer cogitei em orientar estágios de Língua Portuguesa. Para tudo há uma primeira vez e, assim, por conta da licença-saúde de uma colega que orientava vários alunos, me vi dentro dos colégios, assistindo aulas maravilhosas e outras nem tanto, ensinando a elaborar planos de ensino, a controlar a duração da aula, a preparar, da melhor maneira, atividades que pudessem interessar adolescentes sem nenhum interesse por qualquer coisa que não fosse o celular.

Entendi, dentro das escolas, que o mundo ideal que tentamos apresentar aos alunos dentro dos cursos de licenciatura não existe em nenhum lugar. Entendi, igualmente, que uma escola bem administrada é, em geral, uma boa escola e uma mal administrada somente afugenta os estudantes. Ensinamos, na Academia, a evitar a “gramatiquice”, a nomenclatura pela nomenclatura, apartada do texto. Infelizmente,

nossos estagiários não conseguem colocar em prática o que tentamos ensinar porque são obrigados a seguir ou um livro didático péssimo ou um conteúdo programático totalmente alijado da realidade. Por exemplo, uma das estagiárias teve de ensinar, dentre outros, o gênero carta: isso em época de whatsapp, de twitter e de outras mídias. Ela fez o melhor que pôde, mas os alunos riram tanto que alguns saíram da sala para compartilhar as cartas feitas por eles com outros amigos. Acharam – e era – totalmente ridículo e despropositado.

Esses fatos observados por mim comprovam o abismo existente entre a Universidade e as escolas e é nosso papel, enquanto educadores e professores de cursos de licenciatura, tentar diminuir ou acabar com esse abismo. Parafraseando Catulo, eu diria: “é difícil, mas é preciso que o façamos”. Outro peso gigantesco para as costas já sobrecarregadas de um professor!

Também orientei – e muitos – ministrantes de extensão (*ut supra*) e esse trabalho me foi sempre bastante prazeroso. *Docendo discitur* (Ensinando, se aprende), reza um provérbio latino ou *Enseigner c'est apprendre deux fois* (Ensinar é aprender duas vezes), diz o francês. Nada mais verdadeiro. Ao sentar com eles, elaborar estratégias para tornar os conteúdos mais atrativos, buscar novos métodos, garimpar imagens e mapas, elaborar os cursos passo a passo me fez aprender muito porque novas ideias sempre surgiam. Lembro da pergunta da participante de um dos cursos de extensão sobre uma tatuagem que ela pretendia fazer em Latim. Pronto! Logo um dos ministrantes pesquisou e achou várias imagens de tatuagens escritas em Latim na Internet. Algumas estavam escritas corretamente, outras misturavam Latim e Italiano ou Latim e Espanhol ou, ainda, os vocábulos latinos eram retirados do dicionário e as frases eram escritas com as palavras exatamente como estavam no dicionário, sem observar os casos, as terminações, o gênero ou o número. Dos verbos, então, nem se fala, já que um verbo latino é dicionarizado na primeira pessoa do singular do Presente do Indicativo, segunda pessoa do singular do mesmo tempo verbal, Infinitivo, primeira pessoa do singular do Pretérito Perfeito do Indicativo e, por fim, o Supino. Assim, o verbo *amare*, por exemplo, aparece no dicionário como *amo,as,are,au,atum* (só a primeira forma, *amo*, está completa: as demais são terminações... (*amo,amas,amare,amaui,amatum*). Levei essas imagens também para as minhas turmas de Latim e muitas gargalhadas nos renderam, tentando “corrigir” as tatuagens erradas,

perceber o que era Latim ou Italiano, por exemplo. Acabaram surgindo, nas turmas, alunos com tatuagens em suposto Latim e, depois dessa aula, alguns acabaram removendo as tatuagens ou tatuando outra coisa por cima.

Por fim, as orientações nos projetos de pesquisa e um pouco dos projetos que considere interessantes colocar aqui (qualificar, não quantificar!)

O Banco Multidisciplinar de Textos pretendia agrupar textos de diversas línguas, com notas contextualizando os textos, os autores e a época (no caso do Latim) e com exercícios dirigidos para cada um dos textos. O material ficava disponível on-line e, atualmente, encontra-se desativado. Nesse projeto, orientei duas alunas, que separavam os textos e sugeriam notas e atividades que, posteriormente, discutíamos para ver se eram ou não viáveis e se aquele texto seria devidamente apreendido pelos leitores. Claro que, no caso do Latim, colocávamos o texto latino e a tradução.

Cabe aqui uma digressão sobre a dificuldade de fazer pesquisa em Latim com a obrigatoriedade de incluir alunos que cursaram, no máximo, 2 semestres da disciplina (o Latim III foi ofertado somente uma vez, depois de um longo lapso temporal). Como eu trabalho com a língua conjuntamente com a literatura e faço traduções dos textos literários, fica impossível para os alunos acompanhar a pesquisa. Dou a eles tarefas que não envolvam a análise linguística, mas isso desvirtua a pesquisa, que acaba tendo muito mais o meu trabalho do que o deles.

Tenho a firme convicção de que, no Brasil, vivemos num verdadeiro “deserto dos clássicos”, onde obras literárias importantíssimas da Grécia e da Roma Antigas não têm sequer uma tradução em Português (nem aqui, nem em Portugal) e muitas traduções em Inglês, Francês, Italiano ou Alemão. Essa lacuna pode e deve ser preenchida, sendo esse trabalho de tradução, a meu ver, muito mais importante do que publicar vários pequenos artigos por ano para cumprir uma cota real exigida na Pós-Graduação e cobrada na Graduação.

Acredito, igualmente, que a Universidade deve fazer ensino pesquisa e extensão, não todos os docentes.

Aproprio-me, agora, das palavras do renomado epidemiologista da UFPel, Dr. César Victora, em entrevista para o Diário Popular de 28 de julho de 2018. Diz o médico, então já professor aposentado:

É algo (a questão da exigência de todos os professores fazerem ensino, pesquisa e extensão) a que me oponho há muito tempo. Acho que tem gente que é boa de dar aula e tem gente que é boa de fazer pesquisa. Nos EUA, meu filho é só pesquisador, ele não dá aula. O pessoal daqui diz: “Ah, não, mas o professor tem que disseminar seu conhecimento para os alunos”. Não precisa. A universidade tem que fazer ensino, pesquisa e extensão. E cada professor, individualmente, não precisa fazer as três coisas. Uma das coisas que me levaram à aposentadoria foi que o professor precisa dar não sei quantas horas de aula por dia na graduação. Mesmo sendo pós-doutor e não sendo, às vezes, um bom professor. O que um aluno de graduação da Medicina quer aprender? A ser um bom médico, a tratar os pacientes. O que um pesquisador de ponta pode oferecer para esse aluno é muito pouco. É melhor ele ser ensinado por um bom clínico. E o bom clínico não precisa fazer pesquisa. Então é uma certa ideologia com a qual não concordo. E no mundo inteiro não é assim.

Concordo integralmente com o Dr. César. Nem sempre um bom professor será um bom pesquisador ou um grande extensionista e a recíproca também é verdadeira. Essa discussão eu não vejo na universidade. Todos os docentes se submetem à carga horária docente e às exigências sempre crescentes para produzir, produzir, produzir, seja lá o que for. O que importa é a quantidade. A qualidade fica em segundo plano.

Se eu fizer uma pesquisa sobre um autor do IV século, como Claudiano, quantas pessoas se interessariam sobre o assunto? No entanto, se eu der uma ótima aula sobre Catulo ou Horácio, garanto que a maioria dos alunos não esquecerá.

Pensando na obrigatoriedade da pesquisa, minha colega da UFRJ, Profa. Ana Thereza Basílio Vieira e eu decidimos começar, há alguns anos, o projeto de pesquisa intitulado “Tradução dos livros XXVIII a XXXII da História Natural, de Plínio, o Velho”. Esse trabalho, interinstitucional, já rendeu muitos cursos e palestras e a tradução, introdução e notas dos livros elencados acima.

Caio Segundo Plínio, ou Plínio, o Velho, viveu no século I d.C. e morreu por ocasião da erupção do Vesúvio em 79 d.C. Sua obra *História Natural* – a única que nos restou de sua copiosa produção – pretendia ser um inventário do mundo conhecido pelos romanos e uma compilação de tudo o que fora escrito antes dele, englobando, em

37 livros, todas as ciências naturais e todas as artes humanas: a história dos animais, das plantas e dos minerais, a história do céu e da terra, a medicina, o comércio, a navegação, a história das belas-artes, a origem dos usos e costumes romanos etc.

A importância da *História Natural* reside no fato de, com sua abundância de informações, preservar conhecimento esquecido tornando-se um monumento ao conhecimento do mundo inteiro, que nos foi transmitido em sua totalidade.

Existem muitas pessoas – professores, estudiosos de literatura ou simplesmente amantes da boa leitura – que não têm acesso aos tesouros literários que a Roma antiga nos legou. Como ler, no entanto, se o veículo é desconhecido? Convém esquecer a literatura clássica? Impossível, pois a cultura ocidental é essencialmente greco-latina. Assim sendo, surge a conveniência de estudar a literatura latina em textos traduzidos. É um importante método de estudo o texto bilíngue, que estimula o estudo da língua e a análise da literatura no texto original.

Sendo assim, empreender uma tradução dessa obra tão fundamental, pareceu-nos algo natural a ser feito.

A pesquisa, inicialmente, pretendia englobar somente os livros que tratam dos medicamentos e tratamentos obtidos através de plantas, animais e do próprio homem, compreendidos entre os livros XXVIII e XXXII.

Posteriormente, conhecendo muito mais sobre Plínio e seu peculiar método de (des)organização, descobrimos que toda a *História Natural* deveria ser traduzida e comentada, pois seu autor trata de todos os assuntos em quase todos os livros e o índice, colocado no Livro I, não é de muita serventia. Por exemplo, no Livro XXX, ele ataca os magos e suas receitas e superstições, mas passa o livro inteiro divulgando e esmiuçando as tais “receitas mágicas”.

Conhecer um autor latino determinado pode abrir horizontes que, até então, se revelavam fechados. A tradução de textos que são a fonte de toda cultura e de todo conhecimento ocidental pode enriquecer sobremaneira todo aquele que tenha o privilégio de ler um texto que pode proporcionar novos e diferentes pontos de vista.

Com essa pesquisa, tive uma orientanda, Mariana Lima Terres, que apresentou lindamente o trabalho no CIC (XXV Congresso de Iniciação Científica –

2016), sob o título “Preceitos e Conceitos da História Natural, de Plínio, o Velho, ontem e hoje”. Ela confeccionou atrativos e engraçados slides, que conservo com carinho, foi destaque em sua sessão e tirou o segundo lugar na área de Linguística, Letras e Artes. Como sempre, foi um deleite observar uma aluna que realmente soube apresentar seu trabalho, com desenvoltura e conhecimento.

Acredito que a pesquisa com Plínio, o Velho irá tomar os meus anos restantes, tanto na UFPel quanto após a aposentadoria. É um daqueles projetos que ocupam a vida inteira de uma pessoa, pela complexidade e dimensão da tarefa a ser empreendida.

## 12. Tempo de bancas

Seguindo aqui o meu propósito inicial de qualificar e não quantificar, trago ao meu texto apenas duas bancas: uma desastrosa, outra, maravilhosa.

Durante todos esses anos em que trabalhamos com Plínio, o Velho, tivemos, aqui e muito mais na UFRJ, vários orientandos que trabalhavam com o assunto. Uma dessas alunas, em 2010, tentou defender sua dissertação de Mestrado na UFRJ intitulada “Magia, Medicina e o Léxico no Livro XXX da História Natural de Plínio, o Velho”. Li a dissertação, achei que já conhecia algumas passagens e citações que a mestranda utilizava como se de sua própria autoria fossem. Na verdade, eram da sua orientadora. Na véspera de embarcar para o Rio de Janeiro, em contato com os outros membros da banca, decidi colocar na Internet o início do primeiro capítulo da dissertação da aluna, que tratava sobre a História da Medicina e absolutamente todo o capítulo havia sido plagiado da página da UNIMED, de uma cidade do interior do Ceará.

Na UFRJ, durante a defesa, é praxe que o professor convidado fale em primeiro lugar, mas o Presidente da banca pediu a palavra e, simplesmente, destruiu a aluna, chamando-a de desonesta e plagiadora. Como professora há muitos anos, observo que muitos alunos da Graduação consideram que “fazer pesquisa” sobre determinado assunto é copiar *ipsis verbis* alguma coisa da Internet. Aquela mestranda não era aluna da Graduação, porém, ainda assim, acho que ela podia ter recebido uma chance de refazer o trabalho. Perdemos uma professora de Latim (ela desistiu totalmente da carreira docente) e foi humilhada na presença de familiares e amigos.

Essa foi uma banca de que nunca esqueci, pelo caráter catastrófico que teve na vida de todos nela envolvidos.

Outra banca totalmente oposta a essa (também na UFRJ) aconteceu em 2017. Era uma banca de Doutorado com o título “O discurso didático nas Geórgicas: entre o lugar – comum e lugares outros”. A doutoranda Thaíse Pereira Bastos Silva Pio apresentou brilhantemente a sua tese e respondeu, de maneira clara e objetiva, às perguntas que foram feitas.

Por que recordo especificamente dessa banca, já que em outras bancas, vários alunos também brilharam? É que nessa o assunto versava sobre as Geórgicas de Virgílio, um dos “meus” autores por causa da Eneida e das Bucólicas, não por causa das Geórgicas, que eu considerava uma obra bem menos interessante do que as outras duas. Com a defesa apaixonada e apaixonante de Thaíse, reli as Geórgicas e descobri nelas tesouros de beleza nos quais eu nunca havia reparado antes.

De novo, a questão de “saber dar uma aula” aparece claramente e aquele que consegue isso, obtém o que, em Retórica se chamava de *captatio benevolentiae* (captura/captação da boa vontade). Captar a boa vontade para aquilo que pretendemos ensinar pode fazer toda a diferença entre o aprender – não aprender ou entre o gostar – não gostar de determinado assunto. Saber fazer isso, numa disciplina como o Latim, é fundamental.

### 13. Tempo de concluir

O tempo passa como não se quer; tão devagar, antes; tão depressa, depois. A gente pensa que mede o tempo nos ponteiros do relógio, em partezinhas iguais, e conta daí as horas, os dias, os anos; mas ele não tem medida certa: eterniza-se vagaroso quando mais se quer que passe depressa, ou foge ligeiro quando mais se precisa dele parado. Ah, o tempo!...  
(Aldyr Garcia Schlee, Missa por Rolando Vergara)

Acredito que concluir um texto – especialmente um autobiográfico – é tão difícil quanto começá-lo.

Tenho a sensação de ter deixado de fora muitas coisas marcantes, mas a dor inicial persiste e “trazer de volta ao coração” não me foi nada tranquilo ou isento de sofrimento. Com certeza muita coisa ficou de fora, principalmente os números, as listas, mas busquei registrar minha vida profissional pelo que de mais importante ela possui: o entusiasmo de produzir e repassar um conhecimento que cada dia é mais raro, de encantar-me e encantar com a beleza da poesia eterna.

Escrever um grande memorial, repleto de listas maçantes nunca foi a minha intenção e, como o texto é meu, em primeira pessoa (único do gênero em minha vida acadêmica), posso deixá-lo do meu jeito, com os “meus” autores e com a minha inexplicável relutância de encarar tranquilamente o tempo que passa.

Vem à minha mente o mito de Orfeu e Eurídice. Depois de comover Plutão e Prosérpina com seu canto sublime, os deuses mandam chamar Eurídice para entregá-la ao poeta.

Desejosa de entregar-se ao seu cantor por toda a eternidade, a ninfa estende-lhe os braços, porém os soberanos não permitem o abraço. Apenas consentem na partida do casal.

No último instante, Prosérpina ainda avisa o poeta: ele deverá ir sempre na frente. Enquanto estiver na região infernal, não poderá voltar-se uma só vez para contemplar o rosto da amada. Se o fizer, perderá para todo o sempre sua Eurídice, que voltará sozinha para o reino das sombras.

Os jovens partem. Orfeu, sempre alguns passos à frente, canta durante todo o caminho. Sabe que a ninfa, escutando-o, sente-se feliz.

No último instante antes de alcançarem o mundo dos mortais, esquecendo-se das palavras da rainha infernal, Orfeu cede ao imperioso desejo. Volta para trás o olhar aflito e vê apenas uma sombra, translúcida e chorosa, que retorna à escuridão.

Sozinho, desolado, como se deixasse nas sombras uma parte de si mesmo, Orfeu volta à superfície da terra. Nada mais o fará sorrir.

Um pouco como Orfeu, não ouvi os apelos de “não olha para trás, nunca olha para trás”. Olhei, vi a minha Eurídice, minha vida nos tempos de juventude e a felicidade transbordante de começar achando que podia tudo, que sabia tudo. Eurídice se foi. O início da minha vida e aqueles tempos em que tudo me sorria também se foram.

No entanto, não quero concluir o meu único texto autobiográfico com uma nota de tristeza. A vida segue, minha carreira acadêmica seguirá por um tempo ainda.

O que eu espero? Espero continuar ensinando Beleza aos meus alunos, espero que muitos conheçam e se apaixonem pelos “meus” autores. Afinal, em algum lugar das Geórgicas, Virgílio nos adverte: *Fugit irreparabile tempus* (Georg. III,284), “foge, irrecuperável, o tempo” e é preciso colher toda essa beleza agora, porque o amanhã é incerto. Essa paixão que eu espero inspirar não é apenas uma questão estética, é o que moverá os bons professores que nós pretendemos formar. Esse encanto pela beleza é o remédio que irá manter os futuros docentes na luta por um ensino melhor, apesar dos desencantos que a vida nos oferece. Se as ciências humanas são desvalorizadas, a forma de resistir é só uma: mais ciência, mais rigor científico, mais eficiência e isso só se consegue com a dedicação dos apaixonados.

O que eu deixei, depois dessa trajetória? Acho que, antes de tudo, o meu entusiasmo e a minha indubitável paixão pelo Latim e pela Literatura Latina, a minha certeza de que o Curso de Letras pode ser comparado a uma casa em construção: se deixamos só as paredes de tijolos, pode até ser um esboço, mas não é uma casa. Precisamos colocar o reboco, as janelas, os azulejos, os móveis e tudo o mais. Se o aluno quer estudar, por exemplo, Francês, e sair do curso sabendo unicamente Francês,

será como a casa deixada só no tijolo. O que faz a casa ser de verdade é o mesmo que faz do Curso de Letras algo além de um cursinho de língua estrangeira: as Literaturas, a Filologia, a Sintaxe, a Morfologia, as disciplinas de cultura, a Estilística, a Semântica e o Latim e sua Literatura.

O que não deixei? Não deixei que o Latim morresse de todo dentro da UFPel, como aconteceu em tantas universidades. Perdi muitas disciplinas no correr dos anos, é fato, mas ainda consigo despertar o interesse e a paixão pela língua em muitas pessoas, nas salas de aula do Anglo ou na extensão.

E, voltando sempre ao tempo, concluo o texto com Alfredo Bosi, que traz ainda uma outra perspectiva:

Pode-se falar em deformação ou em obscurecimento da imagem pela ação do tempo. Na verdade, “le temps ne fait rien à l’affaire”. O nítido ou o esfumado, o fiel ou o distorcido da imagem devem-se menos aos anos passados que à força e à qualidade dos afetos que secundaram o momento da sua fixação. A imagem amada, a temida, tende a perpetuar-se: vira ídolo ou tabu. E a sua forma nos ronda como doce ou pungente obsessão. (Alfredo Bosi. O ser e o tempo da poesia, p. 13).

Por fim, a angústia da recordação se desfaz na certeza de ter feito o melhor que podia, de ter me entregue, com paixão, pelo Latim, pela tradução dos grandes autores, pela possibilidade de transmitir essa paixão a outras pessoas e até de ter contribuído para a administração da nossa Universidade, tudo no seu devido tempo.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papirus Editora, 2012.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, EDUSP, 1977.
- BRAUNER, Paula Branco de Araujo. *O sentimento do amor em Horácio*. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- CATULLE. *Poésies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. 3 éd. Paris: Les Belles Lettres, 1949.
- CICÉRON. *L'amitié*. Texte établi et traduit par L. Laurand. Paris: Les Belles Lettres, 1952.
- HORACE. *Odes et epodes*. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. 11 éd. Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- LIMA, Alceu Dias. *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método*. São Paulo: Ed. UNESP, 1995.
- OVIDE. *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Org. introd. e notas de Maria Alhiete Galhoz. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1969.
- QUINTANA, Mario. *Poesia completa em um volume*. Org. Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP. São Paulo, v.1, n.2, fev./set.1993
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Contos de Verdades*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.
- VIRGILE. *Les Géorgiques*. Texte établi et traduit par Henri Goelzer. 2 éd. Paris: Les Belles Lettres, 1935.